

E a morte foi natural

Amorte do presidente Tancredo Neves começou com a falência dos pulmões, seguida de uma complicação renal irreversível, arritmia do coração e insuficiência vascular periférica que fez com que a pressão chegasse a zero. Essas informações constam do atestado de óbito do presidente da República e foram divulgadas ontem à tarde pelo superintendente do Hospital das Clínicas, Guilherme Rodrigues da Silva.

Tancredo Neves começou a passar muito mal no início da manhã de domingo. À tarde, acentuou-se a queda da pressão arterial e logo os médicos perderam as esperanças. Às 18 horas a pressão máxima era oito (o normal é de 12 a 14). Duas horas depois, ela chegava a quatro, quando o paciente apresentou uma pequena recuperação. Às 21 horas, a pressão novamente atingiu o nível quatro e nem mesmo uma droga amino-pressora (nor-adrenalina), ministrada em doses altíssimas, foi suficiente para reverter a situação.

O presidente da República estava morrendo. Seus pulmões tornaram-se ainda mais precários: os níveis de PO₂ (pressão de oxigênio

no sangue) oscilaram entre 46 e 50, considerados muito elevados. O **super-peep** foi reforçado, mandando altas concentrações de oxigênio na tentativa de manter abertos os alvéolos dos pulmões. Mas nem isso foi suficiente.

Também à tarde os batimentos cardíacos do paciente Tancredo Neves foram, aos poucos, se reduzindo, aumentando de irregularidade. No final, segundo o professor Guilherme Rodrigues da Silva, o aparelho registrava 40 batimentos por minuto. Não havia mais esperanças de uma nova recuperação como aconteceu ao longo de 39 dias de internação, quando o presidente da República passou mais de 30 horas nas salas de operação.

A última hemodiálise foi feita na manhã de domingo. O especialista norte-americano Warren Zapol acompanhou os últimos exames e manteve sua opinião apresentada no sábado a seus colegas brasileiros: Tancredo Neves tinha pouco tempo de vida. Os rins não voltaram a funcionar.

A **causa mortis** veio rápida: falência de múltiplos órgãos, consequência de uma septicemia que surgiu com um leiomioma de intestino (tumor benigno) infectado por

abscesso e previamente operado. A necropsia realizada durante a madrugada que durou seis horas revelou, de acordo com o superintendente do HC, que o organismo do presidente estava preservado e que os antibióticos eliminaram os grandes focos infecciosos.

Nos próximos dois a três dias serão concluídos os exames histopatológicos feitos pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo com as peças retiradas do corpo de Tancredo Neves. Um relatório final da necropsia será arquivado no Hospital das Clínicas e as informações estarão à disposição da família do presidente. Do ponto de vista jurídico, explica Guilherme Rodrigues da Silva, os detalhes dos exames são um segredo médico que não pode ser divulgado.

Antecipando-se, porém, aos resultados oficiais da autópsia feita pela equipe do médico Edgard Augusto Lopes, o superintendente do HC revela que "os exames não vão indicar nenhum resultado surpreendente". Tancredo Neves estava em fase final de vida (paciente terminal) mas nem por isso foram encontrados sinais de infecção generalizada em seus órgãos (septicemia).

"Houve septicemia com bacteremia (reação à infecção) em algum momento da doença, mas que não foram identificadas na necropsia", garante Guilherme Rodrigues da Silva.

Depois de iniciada, a autópsia teve de ser suspensa até que dois artistas plásticos fizessem a máscara mortuária, colocando uma substância elástica e gelatinosa, à base de algas marinhas, nas mãos e no rosto de Tancredo Neves. Pouco depois, foram injetadas substâncias nos vasos do corpo do presidente para manter os tecidos preservados por um prazo de até cinco dias, tempo mais que suficiente para que ele seja homenageado em Brasília e Minas Gerais.

O corpo foi aberto e retiradas as vísceras mas não foi feito embalsamamento, uma técnica muito mais complicada. Depois disso, colocaram um terno escuro no presidente. Um ambiente de frustração tomou conta de todos os funcionários do Instituto do Coração durante o domingo e manhã de ontem. O superintendente do HC desabafa: "Tínhamos tudo para controlar o processo de infecção. Não sei como as bactérias conseguiram resistir. Foi a infecção que desen-

cadeou todo o processo. Se o paciente tivesse sido internado mais cedo, teria mais chances de viver".

Pela primeira vez, Guilherme Rodrigues da Silva informou que o tumor benigno retirado do corpo de Tancredo Neves na primeira operação, feita no Hospital de Base de Brasília, encontra-se no departamento de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da USP. Foi entregue pelos patologistas de Brasília. Durante essa operação, os médicos fizeram um corte e congelaram para exame do material e logo constataram que o tumor era benigno.

Explicando que não houve erro médico quando foi anunciado que havia uma diverticulite e omitido o tumor, o superintendente do HC relatou que a família de Tancredo Neves "não queria causar ansiedade à população nem criar um problema político nos dias que se seguiriam à posse de José Sarney". Por isso, prevaleceu a versão de que a doença do presidente era apenas o divertículo de Meckel.

Seus próprios familiares reconheceram que Tancredo retardou deliberadamente seu tratamento, preferindo automedicar-se. Mas eles justificaram essa atitude aos

médicos do Hospital das Clínicas, com o argumento de que o presidente "queria cumprir uma missão".

O professor Guilherme disse ontem que as feridas no corpo do paciente estavam fechadas e a cicatrização "ia bem". Numa conversa com seus colegas, o americano Warren Zapol contou que em alguns casos nem mesmo o uso de todos os antibióticos conseguem fazer regredir uma infecção quando há queda de imunidade. E a queda de imunidade de Tancredo Neves deu-se principalmente na sua última semana de vida.

A morte de Tancredo Neves foi natural. Não houve necessidade, segundo Guilherme Rodrigues da Silva, de desligamento dos aparelhos aos quais seu corpo estava ligado (eutanásia). Os exames não indicaram a existência de dano cerebral e os médicos mantiveram as esperanças de uma reversão do quadro do paciente até o final da semana passada. Doses dez vezes superiores às aplicadas em pacientes normais foram injetadas no corpo de Tancredo para baixar a pressão no seu último dia de vida. Mas de nada adiantou. O presidente mártir morreu no 21 de abril.